

SÉRIE DIÁRIO DOCUMENTO 2025

FASCÍCULO

1

Sustentabilidade



CICLO SUSTENTÁVEL

Neste primeiro fascículo,
confira estratégias para
transformar o lixo em valor e
repensar a produção dentro
dos limites do planeta.



Oferecimento:



Um novo modelo para o futuro do planeta

Cintia Magno

A economia circular está diretamente relacionada à adoção de novos modelos de negócios e processos que possam proporcionar o melhor uso dos recursos naturais disponíveis. Seguindo este princípio, essa tecnologia pode ser adotada em diferentes campos da atividade econômica, orientando princípios que buscam eliminar a poluição, circular produtos e materiais, e regenerar a natureza.

A professora da Faculdade de Economia da Universidade Federal do Pará (UFPA) e coordenadora do Grupo de Pesquisa em Meio Ambiente e Sustentabilidade (GEMAS/UFPA), Vanusa Carla Pereira Santos, considera que a economia circular (EC) é um novo paradigma econômico, com foco na sustentabilidade, respeitando os limites da natureza. “É uma teoria renovadora, em consonância com o desenvolvimento sustentável, procurando equilibrar o desenvolvimento econômico, social e ambiental”.

Neste sentido, a professora reforça que a economia circular é um modelo econômico que se opõe ao modelo tradicional de produção, a chamada economia linear (EL), onde o que prevalece é a lógica de produzir, usar e descartar. “A economia circular defende a reutilização, reparação, renovação e reciclagem de produtos e materiais, para aumentar sua vida útil e diminuir o desperdício. No mundo ideal, seria reaproveitar tudo que já foi utilizado, de alguma forma, eliminando a necessidade de jogar qualquer coisa no lixo”.



Proposta sustentável rompe com o modelo linear e aponta caminhos para preservar a natureza sem travar o desenvolvimento FOTO: DIVULGAÇÃO

Na Economia Circular, portanto, a ideia é promover um novo uso aos resíduos, reintegrando-os ao ciclo produtivo como matéria-prima secundária. Com isso, é possível reduzir a extração de recursos naturais e também o volume de rejeitos destinados a tratamentos ou formas de descarte final.

Neste sentido, a professora Vanusa explica que a economia circular é susten-

tada por um tripé que envolve, “pensar o produto com um desenho que venha a facilitar o seu reaproveitamento futuro; reutilizar todos os produtos e materiais em uso, ou seja, o material e os componentes utilizados na produção podem ser reaproveitados, sendo reinserido na cadeia produtiva por um círculo fechado, pela reutilização, reparo e remanufatura, e regenerar sistemas naturais, pois na na-

EXPEDIENTE - Presidente do Grupo RBA: Camilo Centeno •

Diretor de Redação: Clayton Matos • **Editor responsável:** Carlos Eduardo Vilaça

Textos: Cintia Magno • **Diagramação:** Júlio Brasília

Sustentabilidade



Reaproveitamento de recursos pode transformar bastante os modos de produção e consumo FOTO: DIVULGAÇÃO

“

A economia circular defende a reutilização, reparação, renovação e reciclagem de produtos e materiais, para aumentar sua vida útil e diminuir o desperdício”.

**Vanusa Carla
Pereira Santos**

tureza tudo pode ser reaproveitado pela regeneração natural, onde um elemento irá nutrir outro componente natural, devolvendo ao sistema nutrientes transformados em novos recursos naturais”.

Seguindo esse tripé, a economia circular pode ser aplicada em todos os setores e contextos, seja na produção industrial, no setor de serviços, no consumo consci-

ente. “A economia circular pode ser aplicada desde o pensar do desenho dos produtos, da sua durabilidade, até a reciclagem de resíduos, a logística reversa, a compostagem e a reutilização de água e materiais. Também os serviços compartilhados como o sistema do Uber ou das salas compartilhadas, sistemas de aluguéis de bens, brechós, serviços para reduzir

a necessidade de posse individual e o consumo de novos produtos”, enumera a professora. “A economia circular pode ser utilizada em empresas de todos os tamanhos, incentivando a otimização do uso de recursos e a criação de ciclos de vida mais longos para os produtos, pela reutilização na cadeia produtiva original ou numa nova cadeia de produção”.

ECONOMIA CIRCULAR X ECONOMIA LINEAR

- Para que seja possível compreender a proposta alternativa da economia circular, a professora Vanusa Santos chama a atenção para a necessidade de se compreender, primeiramente, o funcionamento da economia linear, que é o processo de produção tradicional. Nele, o bem é produzido utilizando os recursos naturais pela extração da matéria-prima que dará origem a um produto que será consumido e, em seguida, descartado em forma de resíduos que deverá ser encaminhado para sua finalização no aterro sanitário ou qualquer outra alternativa de descarte.
- Já a economia circular defende que o resíduo gerado no processo produtivo se transforme

em matéria-prima secundária, que deverá ser reinserida ao processo produtivo na mesma cadeia produtiva ou em uma nova cadeia de produção.

- Para a professora, o modelo linear é incompatível com a prática da sustentabilidade. “A economia circular é uma alternativa viável para se alcançar a sustentabilidade, pois tem um ciclo contínuo, logo o resíduo gerado no processo produtivo é remanufaturado, sendo reinserido no processo produtivo como matéria-prima secundária, na mesma cadeia produtiva ou numa nova cadeia de produção. Na economia circular, o planeta é visto como um sistema econômico fechado, em contraposição ao que é

defendido pelo sistema linear”, reforça.

- “Existe uma relação circular entre a economia e o meio ambiente, que influencia todos os atores sociais que fazem parte do sistema econômico, ou seja, produtores, consumidores e o Estado. Logo, a economia circular é um sistema regenerativo, restaurador, com novos padrões de produção e consumo, além da preocupação com esta produção desde a concepção do desenho do produto, o tipo de matéria-prima utilizada, o transporte, o manejo, o reaproveitamento dos resíduos, transformando tudo em matéria-prima secundária que será reinserida no processo produtivo. Esta mudança é fundamental, pois afetará toda a qualidade de vida do planeta”.

Do descarte à renda: a revolução dos brechós

Cintia Magno

Ir até uma loja e comprar mais uma calça jeans nova pode parecer apenas uma atividade corriqueira da vida cotidiana, mas, assim como qualquer hábito de consumo, chama a uma reflexão sobre a forma como se consome em um mundo já afetado pelos extremos climáticos. A fabricação de uma única calça jeans demanda o consumo de mais de 3 mil litros de água, segundo relatório do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (Pnuma). Esse recurso que seria utilizado para a produção de uma nova peça, poderia ser economizado, por exemplo, se o consumidor optasse por comprar uma calça jeans que já existe, de segunda mão.

Alinhados aos princípios da economia circular, os brechós são bons aliados não apenas do bolso dos consumidores, mas também do meio ambiente. Através de um trabalho de curadoria, esse tipo de negócio possibilita o acesso a peças em perfeito estado de uso, mas que, por algum motivo, já não faziam mais sentido para as suas primeiras compradoras. A disponibilização dessas roupas para novas possíveis compradoras é o que garante uma maior vida útil às peças.

A empresária por trás do brechó Peça Rara em Belém, Elisângela Silva, conta que ela própria já fazia parte de um grupo de amigas que costumava trocar, entre si, peças boas que já não desejavam mais usar. A relação com o modelo de negócio enquanto consumidora, acabou levando Elisângela para o universo dos



Iniciativas em Belém mostram como o consumo de roupas usadas pode unir moda, sustentabilidade e empreendedorismo

FOTO: DIVULGAÇÃO

brechós. “Eu comecei a falar muito em brechó e as redes sociais começaram a jogar pra mim o Peça Rara, que eu já tinha visto em São Luís. E aí eu fui conhecer a história, marquei umas reuniões e achei superinteressante porque eu já fazia isso, independente de um dia ser dona de brechó”, recorda.

Elisângela investiu na franquia, adquirindo a área do município de Ananindeua, e os bairros de Batista Campos e Marco, em Belém. Nas lojas instaladas

em Belém, o trabalho de curadoria oferece peças que vão desde moda de luxo até peças mais simples. Ela aponta que há opções para todos os gostos e bolsos. “Quando a gente fala daquela moda fast fashion [modelo de negócio que se baseia na produção rápida, em massa e a baixo custo de vestuário, impulsionando o consumo e o descarte acelerados de peças], descartar isso no meio ambiente causa um impacto muito grande. E quando você paga por uma roupa boa, de qualidade, você não sabe quantas vezes a pessoa usou, você vai usar ainda por mais vezes e quando você enjoar, pode higienizar e colocar ela para vender de novo e essa moda vai continuar circulando porque são peças de qualidade em que uma boa lavagem não destrói, não danifica, elas continuam impecáveis. E a gente tem crescido muito por conta disso, o negócio é super viável”.

Para além da viabilidade econômica do negócio, Elisângela lembra que o modelo de negócio também contribui com o meio ambiente e com o social. “As peças que chegam pra gente passam 90 dias na loja. Se em 90 dias ela não vender, a cliente assina que automaticamente elas vão para 50%. A gente passa uma semana com essas peças em promoção e se não vender, a gente faz a devolução para as donas e elas têm 30 dias para vir retirar a peça. A gente faz o contato com elas por várias vezes e se elas não vierem buscar, a peça vai para a doação compulsória”, explica. “A gente tria essas peças e, com as melhores, a gente faz um bazar e doa esse dinheiro para uma entidade que procura a gente e a outra parte a gente encaminha para a doação”.



Com foco em reaproveitamento e consciência ambiental, brechós se consolidam como opção viável e ética de consumo em Belém FOTO: DIVULGAÇÃO

“

A gente diz que a peça mais sustentável é aquela que já existe e, além de você se manter estilosa, com peças diferentes, que tenham muito mais a sua linguagem afetiva, você também pode implementar essa cultura no nosso dia a dia”.

Ana Gibson

Moda sustentável que gera conexões e novos negócios

Foi também de uma experiência pessoal enquanto consumidora de brechós que a advogada e empreendedora à frente do Bora Garimpar Belém, Ana Gibson, também passou a fazer parte deste cenário em Belém. O Bora Garimpar foi criado há cerca de três anos e surgiu a partir da ideia do próprio brechó da Ana. “Na época da faculdade eu tive a oportunidade de fazer uma viagem para fora do país e lá eu via que o consumo de brechó era muito comum, estava no cotidiano das pessoas. E quando eu voltei pra Belém, estando na Amazônia, eu fiquei muito intrigada das pessoas não valorizarem peças de segunda mão, a reutilização de peças”.

A ‘virada de chave’ para Ana se deu quando, através da atuação nas redes

sociais, ela percebeu a necessidade de uma profissionalização dos brechós que atuavam em Belém. A partir do momento em que ela começou a montar coleções e looks com as peças de segunda mão e a promover eventos ligados ao modelo de negócio, e começou a conhecer diversas mulheres que já viviam há um certo tempo do brechó na capital paraense. “Aí tive a ideia de fazer o encontro de brechós impulsionada por essas mulheres. Hoje, o Bora Garimpar é a minha principal fonte de renda. O primeiro evento já nos surpreendeu muito a nível de público, recebemos em torno de 2 mil pessoas e nos chamou muita atenção porque, inclusive, veio gente de outros municípios. A gente reuniu mais de 50 brechós”, lembra. “A partir de então

a gente começou a fazer dois eventos por mês e deu muito certo”.

Além da promoção dos eventos que reúnem diferentes brechós, Ana Gibson aponta que uma das missões do Bora Garimpar, hoje, principalmente através das redes sociais, é educar o público para a relevância desse tipo de consumo. “A gente diz que a peça mais sustentável é aquela que já existe e, além de você se manter estilosa, com peças diferentes, que tenham muito mais a sua linguagem afetiva, você também pode implementar essa cultura no nosso dia a dia. A moda de brechó é a moda que eu acredito, eu acredito que é a moda do futuro porque a gente sabe que a indústria da moda é a segunda mais poluente depois da indústria petrolífera”.

Negócios que mantêm a floresta em pé

Cintia Magno

A busca por uma economia mais sustentável também passa por conhecer de onde vêm os produtos consumidos. Mais do que o valor do produto em si, quando os itens consumidos têm origem em comunidades tradicionais que têm em sua base a relação íntima com a floresta em pé, esse valor ganha outro significado.

Conectando empresas e consumidores a produtoras e produtores de povos indígenas, quilombolas e extrativistas que vivem na Amazônia, a rede Origens Brasil é exemplo de que uma nova forma de fazer negócios na Amazônia é possível. Há 9 anos, o selo QR Code em formato de árvore, que caracteriza a rede, atesta que aquele produto que chega às mãos do consumidor é fruto de um comércio ético, que respeita o modo de vida e os métodos de produção das populações tradicionais, comprometendo-se com o pagamento de preços justos, transparência e a discussão mútua entre todos os atores das relações comerciais.

Diretora Executiva Adjunta do Imaflora, organização que administra a Rede Origens Brasil, Patrícia Cota lembra que, desde o início, a rede foi pensada de forma conjunta com as comunidades tradicionais, buscando soluções para os desafios encontrados em cada cadeia produtiva. “A gente queria fazer um processo em que a gente criasse juntos um instrumento que pudesse valorizar essa forma de se fazer uma nova economia, essa forma pautada na cultura dessas popu-



Rede Origens Brasil conecta as comunidades tradicionais da Amazônia a empresas e também consumidores, promovendo comércio ético e sustentável FOTO: CINTIA MAGNO

lações e que pudesse inserir esses produtos em mercados diferentes para essa nova lógica de negócio. Então, a gente começa, a convite do Instituto Socioambiental, que é um grande parceiro, a pensar como a gente poderia colocar esse produto em um mercado diferenciado e que a gente pudesse valorizar as histórias por trás desses produtos”.

Mais do que possibilitar a rastreabilidade de origem dos produtos e a garantia de conservação da floresta e valorização da sociobioeconomia, a platafor-

ma se preocupa em promover arranjos comerciais. Onde, através da conexão entre empresas e produtores, se consegue garantir a compra de produtos e insumos produzidos dentro das unidades de conservação, gerando renda para as comunidades tradicionais que, historicamente, são as que mais promovem a conservação da floresta. “Para que as negociações aconteçam entre empresas e comunidades, a gente tem que construir arranjos comerciais. Engajar empresas, engajar comunidades.

Sustentabilidade



É o ano inteiro fazendo negociações entre as partes para que o produto chegue ao comércio. Então, a Rede Origens promove arranjos de comercialização, construindo as parcerias”, explica Luiz Brasi Filho, facilitador da Rede Origens Brasil. “E entre as comunidades que fazem parte da rede estão extrativistas, quilombolas, seringueiros, castanheiros, povos indígenas, manejadores de pirarucu, empresas, instituições de apoio e organizações comunitárias que atuam em conjunto”.

Iniciativas da Rede Origens Brasil valorizam a cultura e os saberes de povos indígenas, quilombolas e extrativistas

FOTO: CINTIA MAGNO

“

A gente queria fazer um processo em que a gente criasse juntos um instrumento que pudesse valorizar essa forma de se fazer uma nova economia, essa forma pautada na cultura dessas populações e que pudesse inserir esses produtos em mercados diferentes para essa nova lógica de negócio”.

Patricia Cota

Amazônia que produz com respeito e responsabilidade

Em 2024, a rede alcançou 100 produtos com selos da Origens Brasil. Entre eles estão desde roupas e acessórios, até alimentos e gastronomia, cosméticos e saúde, matérias primas e ingredientes e arte, artesanato e decoração. Entre os territórios de atuação da rede, estão o do Rio Negro, Solimões, Calha do Purus, Tupi Guaporé, Xingu e Norte do Pará. Composto por mais de 24 milhões de hectares de floresta em pé, o território Norte do Pará abriga 57 povos indígenas e populações tradicionais. E a rede Origens Brasil atua em 10 áreas protegidas no território. Formado por um dos mais extensos corredores de áreas protegidas interligadas do mundo, o Território Xingu também compreende parte do Estado do Pará. Lar de 26 povos indígenas e populações tradicionais, o território tem a atuação da rede em 13 de suas áreas protegidas. Entre as empresas que compram produtos e ingredientes produzidos por povos extrativistas do Território Xingu

está a MOMA, parceira da Rede Origens Brasil desde 2022. Empreendedora à frente da MOMA, Vivian Chun conta que fazer parte desse tipo de comercialização em rede é uma condição para empreender. “Eu sou farmacêutica, também trabalhei com agricultura, com o agroflorestal, e em certo momento eu entendi que a agricultura era muito desafiadora. Estar na base da cadeia produtiva é desafiador, é lidar com sol, com chuva, com mercado, com falta de apoio, com preços flutuantes. E eu entendi que pra gente pensar em aliar preservação ou regeneração florestal, precisa haver sustentabilidade financeira”, contextualiza. “Então, fazer parte do Origens, pra mim, é uma condição para empreender porque tem a ver com o ambiental e o social, com cadeias produtivas sustentáveis, com a construção de uma nova relação de parceria comercial, onde eu consigo entender o contexto, entender que às

vezes uma andiroba é mais cara em um município do que em outro porque tem dois dias de voadeira a mais de distância”.

Para produzir produtos como shampoos e condicionadores em barra, sabonetes e hidratantes, e cremes faciais, a marca conta com bioinsumos como o óleo de babaçu, o muru-muru, breu, babaçu, cupuaçu e o óleo de andiroba produzido por comunidades da região do Xingu, especialmente dos arredores do município de Altamira, no Pará. Com isso, a marca consegue não apenas oferecer produtos inovadores e de qualidade para seus consumidores, mas também contribuir para o fortalecimento econômico de comunidades tradicionais em seus próprios territórios. “Fazer parte do Origens é poder me conectar com essas lideranças comunitárias, conhecer um pouco dessa realidade que é muito diferente da nossa que está nos centros urbanos e poder compreender e tentar transmitir isso também para quem usa”.

O consumo inteligente chega à sua casa

Cintia Magno

O mercado brasileiro testemunha uma transformação na forma como as pessoas consomem. Longe da ideia tradicional de posse, a ‘revolução do aluguel’ ganha força, impulsionada por conceitos de economia circular e pela busca por acessibilidade. De smartphones de última geração a itens essenciais para eventos íntimos, a possibilidade de usufruir de produtos sem o compromisso da compra se consolida como uma tendência em ascensão, atraindo consumidores que buscam tanto economia quanto praticidade.

A ideia de economia circular foi o motor inicial da allu, uma empresa mineira que inovou ao oferecer um modelo de assinatura de smartphones para todo o Brasil. “A lógica do nosso serviço é que para que as pessoas possam usufruir de um bom aparelho, elas não precisam ter a propriedade desse aparelho. Elas podem fazer isso através, não só de um aluguel, mas além do aluguel, a gente oferece proteção contra furto e roubo, proteção contra danos, a gente envia o carregador que a fabricante não manda, temos toda a parte de suporte caso tenha algum tipo de problema com o aparelho”, explica Lucas Gilbert, CGO da allu, que atualmente conta com aproximadamente 40 mil clientes ativos.

Para alugar algum dos aparelhos disponibilizados pela allu, o consumidor pode acessar o site da empresa, escolher o modelo de smartphone que deseja assinar e efetuar o pagamento, que hoje também pode ser realizado através de pagamen-



Experiências personalizadas e sustentáveis mostram como empreendimentos repensam o consumo no dia a dia FOTO: DIVULGAÇÃO

to recorrente. Feita a assinatura online, o aparelho é enviado para o endereço do cliente em qualquer região do país. Ao final do contrato assinado, o cliente tem a flexibilidade de encerrar a assinatura e devolver o aparelho, renovar com o mesmo modelo ou fazer um upgrade para um modelo mais atual. “Para pessoa física, a gente trabalha não só com iPhones, mas também smartphones Samsung; a gente trabalha com tablet, a gente trabalha com computadores, desde notebooks e periféricos como monitor, cadeira gamer, projetor, videogame, relógios de corrida”.

MESA POSTA

Na esteira do aluguel que atenda a uma necessidade pontual, a Casa Assmar, idealizada por Ana Carolina Assmar, oferece desde dezembro de 2022 a locação de itens de mesa posta. Seja para um jantar íntimo ou uma celebração com convidados, a flexibilidade é a chave. “A ideia da Casa Assmar foi a partir de uma necessidade minha. No Dia das Mães de 2022, o almoço ia ser na minha casa e eu coloquei na cabeça que eu queria uma mesa com a temática de limão siciliano”, recorda. “Eu fui em lojas que vendem esses artigos, até cheguei a procurar na internet. Então, não achei para vender e muito menos para alugar. Nisso, eu pensei ‘nossa, ia ser muito bom se eu pudesse alugar isso’”.

Com a ideia transformada em negócio, Ana Carolina viu a aceitação dos consumidores crescer. “A maioria das clientes é um público feminino, mas eu já atendi um ou outro cliente do sexo masculino. Um dos primeiros era um que ia receber a sogra pela primeira vez em casa”. A variedade de itens disponíveis para locação é vasta, incluindo pratos, sousplats, guardanapos, jogos americanos e talheres. Isso permite que os clientes complementem o que já possuem sem precisar comprar peças que dificilmente seriam utilizadas outra vez.

A maioria busca peças para eventos em casa, principalmente aqueles que não têm o hábito de montar mesas no dia a dia, como bodas de casamento, aniversários, Natal e Ano Novo. “A maioria das clientes, quando faz o contato, fala: ‘Olha, são tantas pessoas, a ocasião é essa’ e eu vou montando composições pelo meu know-how e mandando foto e vídeo até chegar numa composição ideal para a cliente”.

Sustentabilidade

Lixo eletrônico: um risco global e cotidiano

Cintia Magno

Um relatório recente da Organização das Nações Unidas (ONU) revela um cenário preocupante para o meio ambiente e a sustentabilidade global: a produção de lixo eletrônico pela humanidade está aumentando em um ritmo cinco vezes mais rápido do que o previsto.

De acordo com o relatório 'Monitor Global de Lixo Eletrônico', somente em 2022 foram produzidos 62 milhões de toneladas de resíduos eletrônicos no mundo, o suficiente para preencher 1,5 milhões de caminhões de 40 toneladas. E no Brasil, o cenário não é menos preocupante. O país é apontado como o quinto maior gerador de lixo eletrônico do mundo.

Substituídos por algum defeito, pela falta de uso ou mesmo em decorrência da popularização de uma tecnologia mais avançada, equipamentos elétricos e eletrônicos podem se transformar em lixo rapidamente. E não se pode deixar de pensar em como o descarte de tais materiais pode ser prejudicial.

Bióloga ambientalista, especialista em ação climática, gestão de resíduos e economia circular e diretora dos High-Level Champions da ONU para a América Latina, Daniela Lerario considera que, quando se reflete sobre a promoção da circularidade desses resíduos eletrônicos, é preciso primeiro avaliar de que material é feito esse resíduo e, inclusive, se a reciclagem do mesmo será viável no futuro. "Uma das premissas para circularidade é que nem tudo que é circular é bom. Então, a gente precisa olhar para os materiais. Se o mate-



Daniela Lerario, ambientalista especialista em resíduos FOTO: CINTIA MAGNO

rial é ruim, a gente não quer circular ele e deixar ele mantido na cadeia. Isso é uma premissa muito chave e quando a gente fala de resíduos eletrônicos, isso é muito importante porque o que faz a gente entender aquilo como valor agregado, também é o que faz muitas vezes dizer que no momento em que ele é descartado numa urna, ele vira um resíduo perigoso".

Considerando a discussão sobre os materiais, que precisa ser considerada na lógica da economia circular, especialmente quando se trata de resíduos eletrônicos, Daniela também questiona a lógica do modelo linear em que se retira, transforma, utiliza e joga fora. Esse modelo linear que se vive, vê e aplica o tempo inteiro hoje precisa ser transformado para algo que considere como é possível repensar

e tentar fazer com que o material mantenha um maior valor agregado ao longo do maior período de tempo. "O Brasil recicla de 3% a 5% do seu resíduo eletroeletrônico, sendo que hoje a gente tem uma política nacional que prevê 12% para 17%. Então, tem um gap muito grande. Tem várias perguntas que não estão sendo respondidas. Nós temos desde responsabilização, a responsabilidade compartilhada pelo ciclo de vida do produto, de quem é, de quem não é", reflete. "Mas acho que a base de tudo isso tem muito a ver com a escolha e o consumo".

Em um painel que discutiu os paradoxos da tecnologia, a especialista destacou a importância de, mais do que buscar encaminhar os resíduos para a reciclagem no fim do seu uso, se buscar refletir sobre a decisão de ter determinado aparelho, ainda no momento inicial do consumo. "Quanto de vocês têm um celularzinho guardado na gaveta que parou de funcionar ou que não parou de funcionar, mas que porque ele tem valor e você quis o próximo, você vai deixar ele ali e não vai entregar ele para ninguém? Ou é aquele caso da obsolescência programada, em que o aparelho parou de funcionar e não roda mais e ele fica ali parado, são os cabos que você guarda porque acha que ele vai funcionar para algum daqueles equipamentos que você tem em algum lugar", contextualiza. "Então, acho que tem um exercício grande ainda de entender principalmente a pauta do consumo e dessa decisão de ter o aparelho, esse exercício de entender aquilo como algo que é de sua responsabilidade, que teve um valor e que não tem mais o valor, mas que precisa ser destinado de maneira adequada".

A força do “trabalho invisível”

Cintia Magno

Pensar em sustentabilidade envolve a busca por modelos econômicos que possibilitem a redução do impacto causado pela atividade, mas não é possível considerar isso apenas no início do processo produtivo. Na outra ponta, a gestão correta dos resíduos, com foco na reciclagem, completa o ciclo em torno de uma economia mais sustentável. Neste cenário onde a sustentabilidade e a inclusão social ganham cada vez mais destaque, os catadores de materiais recicláveis emergem como protagonistas silenciosos, movimentando cifras significativas. Em 2023, cerca de 31,8 mil toneladas de resíduos foram coletadas e destinadas à reciclagem somente no Pará, gerando um faturamento anual estimado de R\$20,8 milhões para as organizações de catadores, segundo dados do Anuário da Reciclagem 2024. No Brasil, o setor movimentou R\$1,36 bilhão anualmente.

Por trás desses números robustos, estão histórias de resiliência, superação e compromisso com o meio ambiente possibilitados pelo trabalho cooperado. Presidente da Cooperativa dos Catadores de Materiais Recicláveis (Concaves), Débora Baía, cuja própria trajetória inclui a formação em gestão ambiental graças ao trabalho na cooperativa, destaca que, em muitos casos, a coleta e a seleção de materiais recicláveis para envio para a reciclagem é a oportunidade encontrada para levar comida à mesa, sobretudo entre mulheres chefes de família. “O cooperativismo é uma ferramenta fundamental porque além de integrar sem distinção de raça, de



No Pará, cooperativas de reciclagem unem sustentabilidade e inclusão social DIVULGAÇÃO

gênero e até mesmo a questão estudantil, é uma oportunidade que a gente tem, principalmente quem não tem possibilidades no mercado formal”, avalia Débora.

Hoje, 22 pessoas estão associadas à cooperativa que faz a coleta e destinação tanto de papel, quanto do plástico, do vidro, de metais e também eletroeletrônicos. “A gente está fazendo um estudo para saber qual é o papel das cooperativas na cidade de Belém nessa gestão de resíduos. Justamente para mostrar que tudo aquilo que a gente coleta de resíduos, que poderiam estar indo para lixões e gerar um custo mais alto para a nossa cidade, se transforma em renda, em inclusão social e, principalmente, preserva o meio ambiente”.

PARA ENTENDER

OS NÚMEROS DA RECICLAGEM NO BRASIL NO PARÁ

- O Anuário da Reciclagem 2024 mapeou um total de 3.028 organizações de catadoras e catadores distribuídos em 1.722 municípios brasileiros, sendo 78 identificadas no Estado do Pará. Estima-se que essas organizações podem ter coletado, em 2023, cerca de 1,68 milhão de toneladas de resíduos sólidos em todo o país. Somente no Pará, a quantidade estimada é de 31.885 toneladas coletadas em 2023.

VOLUME POR TIPO DE RESÍDUO/PARÁ

- 14.969,73 toneladas de papel
- 13.938,73 toneladas de plástico
- 1.830,53 toneladas de vidro
- 1.146,73 toneladas de metais

FATURAMENTO

- Em 2023, as 3.028 organizações de catadoras e catadores mapeadas pelo Anuário da Reciclagem obtiveram um faturamento de R\$ 1,36 bilhão com a comercialização de resíduos para reciclagem.

RENDA

- Renda média dos catadores mapeados no Brasil: R\$ 1.305,65 / Renda média dos catadores mapeados no Pará: R\$ 1.064,86

IMPACTOS AMBIENTAIS

- O 1,68 milhão de toneladas de resíduos recolhidos pelas organizações de catadoras e catadores no Brasil em 2023 reduziram em 1,045 milhões de toneladas a emissão de CO₂e para a atmosfera.

Fonte: Anuário da Reciclagem 2024

Quer manter o negócio girando?

Nós temos
o crédito
para insumos,
produção
e reforço
de estoque.

GIRO
AMAZÔNIA



Saiba
mais.



banco da
amazônia

Sonhar.
Mover.
Impactar.

SEBRAE
COP 30

A força do Empreendedor brasileiro

Brado Brasil



O mundo está de olho no futuro que será apresentado na COP30. Para nós, esse futuro já tem nome: **é o pequeno produtor, o artesão, a microempresária.** É a força de quem inova, preserva e gera riqueza de forma sustentável.

Nossa missão é preparar e fortalecer esses negócios para que eles brilhem neste e em todos os outros momentos.

@sebraepa
0800 570 0800

SEBRAE